



## UM TURISTA ESPANHOL EM GOIÁS NA DÉCADA DE 1930

Antón Corbacho Quintela<sup>1</sup>

Na década de 1930 um cento de espanhóis residia como imigrantes no Estado de Goiás. Todavia, a única publicação, nessa década e no Brasil, de autoria espanhola em relação a Goiás foi composta por um sujeito que percorreu o estado agindo como turista. Ele não se deslocou a Goiás na procura de trabalho; esse turista, como estrangeiro, chegou a Goiás porque, para se entreter, decidira observar e apreender, *in loco*, as características de um território diferente ao seu. Referimo-nos ao professor José Casais Santaló, espanhol natural da Galiza, jurista, economista e diplomata, quem incluiu as suas impressões de viagem no livro *Un turista en el Brasil*, publicado em 1940, no Rio de Janeiro pela Imprensa de Franz Timon. Esse livro é qualificado pelo seu autor como “un libro de viajes documentado con fotografías” e é consequência da decisão que ele tomara de se deixar ficar no Brasil enquanto não se resolvia a Guerra Civil na Espanha. José Casais fez questão de ressaltar que, em plena Guerra Civil espanhola, ele, deliberadamente, fizera turismo no Brasil, sobretudo nos sertões do Brasil, na procura da autenticidade brasílica – da brasilidade –, comportando-se como turista e compondo uma narrativa do ponto de vista de um turista. O livro procura, sem mais, mostrar o que o seu autor viu e sentiu nos lugares aonde se dirigiu, lugares que, por sua vez, o autor não achava que fossem destinos habituais de turistas estrangeiros no Brasil. *Un turista en el*

1. Professor na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

*Brasil* possui uma função publicitária em relação ao Brasil como destino turístico e assim deve-o ter entendido o *Departamento Nacional de Propaganda* do Rio de Janeiro, o qual presumivelmente assessorou Casais antes de empreender a sua travessia, pois ele agradece a “generosidade” que esse órgão, por ele qualificado como “modelar organismo del Estado”, tivera com ele. Após os 20 mil “kilómetros de turismo a través del Brasil”, Casais sentiu-se autorizado para asseverar que todos os estados do Brasil que ele conhecera podiam acreditar-se como regiões turísticas. O livro foi editado no Rio pela Imprensa de Franz Timon e tem 238 páginas. Não sabemos quem custeou a edição nem quem o autor pensava que seriam os consumidores do livro, mas o fato de todo o livro estar redigido em castelhano faz-nos supor que, embora impresso no Brasil, o livro estava em parte destinado a leitores espanhóis e hispano-americanos.

O professor Casais entra no Estado de Goiás pelo Triângulo Mineiro. Casais decidira ir de Araguari até Anápolis de trem. Esse percorrido somava 393 km que o trem salvava em 15 horas. A viagem foi de dia e resultou-lhe assaz fatigosa pela monotonia da paisagem, o sol e a poeira. A passagem de Casais por Anápolis e, depois, por Goiânia é breve. De fato ele vai nessas duas cidades porque são escalas obrigatórias na, então, longa viagem de Araguari até a cidade de Goiás. As estradas pelas quais ele passa no Estado de Goiás eram péssimas. No entanto, embora ele não oculte o estado calamitoso das rodovias e a precariedade dos meios de transporte, refere-se à sua travessia com o humor próprio de quem tem previamente assumido que ela pode, a qualquer momento, se apresentar como uma bizarra aventura. Casais não oculta nem denuncia as deficiências das vias terrestres em Goiás na década de 1930. Parece não se importar com isso e haver assumido previamente que a precariedade das estradas goianas era uma contingência aventureira inerente à travessia ao ocidente do Triângulo Mineiro. Essa assunção faz com que o autor se refira às incidências das viagens rumo à cidade de Goiás com um talante bem-humorado e fazendo questão em realçar a ousadia e, simultaneamente, a paciência que teve para poder completar o seu roteiro. Sobre os percalços que houve na sua ida de Anápolis a Goiânia comenta:

Hoy por hoy la comunicación ordinaria Anápolis–Goyania se hace por camino carretero servido diariamente por ómnibus, los mismos que llegan hasta la vieja capital, pasando por Campinas. Existe el proyecto de prolongar la línea ferro-

viajaria Araguaí–Anápolis hasta Goyania. Pude lotarse un auto-taxi, entre cuatro o cinco viajeros, que nunca faltan, y entonces el viaje resulta más agradable. Así acepté enseguida la propuesta de un viejo y simpático chauffeur que, de cuarto en cuarto, apenas habíamos llegado, ofrecía tres lugares vacantes en su Ford da plaza, para salir al día siguiente a las siete, es decir, una hora antes que el ómnibus. En un momento se cubrieron las plazas. A las cinco, nuestro chauffeur se incautaba de las maletas que, difícilmente y no con gran seguridad, iba amarrando a los estribos y parachoques. Éramos siete y, aunque parezca mentira, no faltó lugar para ninguno. El auto marchaba muy lentamente para economizar en lo posible, y en lo imposible, gasolina, pues el viejo, de vez en cuando, interrumpía el encendido mientras una ligera pendiente o el impulso tomado en pocos metros de carrera, permitía al coche rodar sin ayuda de motor. En cada puentecillo o mataburros, de palos rollizos sin trabazón, los viajeros abandonaban sus asientos con el pretexto de ayudar al chauffeur a ponerlos en buena línea, si bien me pareció que aprovechaban esas oportunidades para desentumecer los miembros rígidos y, ¿por qué no decirlo?, llevados de explicable miedo. Vencidos setenta y dos kilómetros de carretera estábamos en Goiania, la nueva capital del Estado, en edificación. Su primera piedra fue colocada en Octubre de 1933. (p. 192)

**Na viagem de ônibus, de dez horas, entre Goiania e a cidade de Goyaz, as condições da estrada não melhoraram, mas Casais limita-se a comentar assepticamente a opinião de um outro viajante acerca da passagem por esse trecho:**

Tras una breve permanencia en la ciudad más joven del Brasil, continué viaje a Goyaz, la capital antigua, distante de Goiania ciento ochenta kilómetros, por carretera fácilmente practicable en las épocas de sequía y bastante difícil en tiempos de lluvia, como los que me cupieron en suerte. Alguien dijo que la “jardinera” parecía un submarino al atravesar a toda velocidad, conducida por hábil chauffeur, los trechos enlagados. (p. 193)

**Para Casais, as privações da viagem são compensadas pela chegada à “vetusta Goyaz”. Em relação a esta cidade, na “Quinta Parte” do livro, intitulada Goyaz, Casais cria uma seção intitulada “Goyaz y Santiago de Compostela”, a única de todo o livro em que o autor desenvolve uma comparação explícita entre uma povoação brasileira – a cidade de Goiás – e uma cidade galega – Santiago de Compostela –. Nessa seção, escreve:**

La primera impresión que recibe el forastero, al atravesar las calles que le conducirán al hotel, es de respetuosa solemnidad. En Goyaz debe entrarse descubierto. Como en Santiago de Compostela, la bien llamada Atenas de Occidente. Siento los motivos de comparación de las dos ciudades. Ante la belleza evocadora de Goyaz – por su arte y por su estilo, por su nobleza y por sus blasones sigue siendo Santa Ana y Vila Boa – ¿quién se acuerda de las incomodidades del viaje? París bien vale una misa.

[...] Se fueron los días pasando y repasando rusa embaldosadas con grandes piedras “que no se derriten al calor ni apestan a asfalto reblandecido”. Las casas son blancas y pulcras. No hay rascacielos. Cada familia tiene un nombre y no un número. La personalidad se conserva y se destaca. Como antaño. Señoras. Señores. Muchachas bonitas que llevan en sus rostros el signo de una educación tradicional, jamás interrumpida. En Goyaz la familia no es suma de individuos sino entidad coherente que mantiene el tesoro de una raza y de una historia. (p. 193-94)

**Casais sabia que a cidade de Goiás já não era mais a capital do Estado, mas não menciona que, uns poucos anos antes da sua visita à cidade de Goyaz, a transferência devera-se à sua suposta inadequação para o desenvolvimento de projetos modernizadores das suas estruturas sócio-econômicas e à sua insalubridade. De fato, desde o séc. XVIII, essa cidade tinha sido objeto, por parte de viajantes estrangeiros e de observadores locais, de cáusticas desqualificações em múltiplos aspectos das suas condições de existência**

**que iam do clima, do saneamento e do abastecimento de água aos atavismos inerentes aos seus campos sociais. Casais não se detivera em Goiânia – “la ciudad más joven del Brasil” – mas deleita-se permanecendo na cidade de Goiás uma semana. Apesar de “vetusta”, ou precisamente por se vetusta, a cidade de Goyaz encanta-o. Casais parece compartilhar a orientação no gosto de Lévi-Strauss pela cidade de Goiás. O antropólogo francês antecederia Casais na visita à velha capital goiana e, do mesmo modo que Casais, ele não se alinhara emulativamente nos tópicos recorrentes divulgados por outros viajantes estrangeiros – os seus predecessores – na observação dos planaltos centrais. O desfrute de Casais na cidade de Goiás e a sua complacência durante a semana que como turista investiu nessa cidade mostram-se evidentes no seguinte parágrafo. Ele não planejava passar na cidade de Goiás esse tempo, mas as expectativas que se lhe apresentaram nesse município fizeram com que ele alterasse a sua programação:**

Antes de sentarme a la mesa di mi primer paseo por la calle estrecha que termina en la plaza del Palacio y de la iglesia da Boa Morte. Perdiera súbitamente el cansancio y hasta las ganas de seguir a las márgenes del Araguaya al otro día, pese a las prevenciones del hotelero, servicial y complaciente, empeñado en que no me aburriese en Goyaz una semana entera, hasta la próxima conducción. Para tranquilizarlo le prometí serme indiferente la pérdida de tres conducciones seguidas, tan encantado estaba en la ciudad de plata. (p. 193)

**Na cidade de Goiás, Casais não passou desapercibido como turista. Ele foi convidado, pelo diretor**

do Liceu de Goiás, para integrar a presidência da mesa de uma cerimônia de formatura de uma turma dessa instituição, a qual foi uma das últimas refeições dessa instituição antes da sua mudança para a nova capital. Não conhecemos nenhum outro relato sobre uma cerimônia de formatura brasileira composto por um viajante estrangeiro. Nesse relato, abaixo transcrito, Casais demonstrou querer transmitir a sua conformidade e o seu deleite, inclusive o seu encantamento, com a estrutura, estética e o decoro da cerimônia acadêmica interiorana em que participou. A solenidade do evento agradou Casais, quem foi tratado como um visitante distinto e com quem os participantes da cerimônia tiveram a atenção de falar-lhe da Espanha, demonstrando com isso, na apreciação de Casais, o interesse e o conhecimento que eles tinham em relação ao país do qual ele era oriundo. Supõe-se que quando Casais comenta que lhe transmitiram “frases sentidas”, que ele agradeceu “como nunca”, elas tinham a ver com a Guerra Civil espanhola. O relato de Casais é o seguinte:

Recibí en el hotel, casi juntos, tres convites para la misma fiesta de entrega de diplomas a los nuevos bachilleres de la sucursal del Liceo Goyano. Me invitaban el dr. Ferreira dos santos, director del establecimiento, y dos señoritas alumnas. ¡Yo que me creía desapercibido en Goyaz! Un compañero de hospedaje me explicó: – Usted no conoce el ambiente local. Aquí la hospitalidad es un culto. El forastero goza de las más delicadas preferencias. Si usted continuase entre nosotros unas semanas, participaría de las reuniones y tertulias de las mejores casas. Fui al Liceo dispuesto a no perder detalle de una fiesta que me prometieran brillantísima. Poco antes de comenzar la sesión, el director me rogó que aceptase un lugar de honra en el estrado. No valieron argumentos ante la insistente cortesía del dr. Ferreira dos Santos. Las autoridades hicieronme objeto de finas atenciones. Todos tuvieron frases gentiles para mi patria. La simpática fiesta, armonía de elegancia, de belleza y de saber, me produjo viva emoción. En el amplio salón de grados, adornado con sencillez y buen gusto, diéranse cita aquella noche las más lindas muchachas de Goyaz, acompañadas de sus mayores. Lucían elegantes vestidos y se adornaban con ricas joyas. Los “bacharelandos” con sus padrinos o madrinas, en rigurosa “tenue”, ocupaban las primeras filas. Había tantas señoritas como estudiantes. El número uno, por orden de calificación, fue discernido a una jovencita. Después de entregados los diplomas habló un alumno, en representación de los nuevos bachilleres. La

contestación estuvo a cargo de un profesor del Liceo. Cerrada la solemnidad académica, organizose el baile. En las presentaciones de que fui objeto, siempre la fina educación de aquellos caballeros tuvo frases sentidas – que agradecí como nunca – para España. En sus conversaciones conmigo demostraron conocer las cosas de mi país, sobre todo su literatura e historia, con suficiencia e interés incommunes. Las animadas charlas continuaron en un salón contiguo. Agraciadas señoritas obsequiaban a los invitados con las delicias de un buffet ricamente surtido de emparedados, pasteles, dulces y frutas – ¡oh las uvas y las mangas de Goyaz! – goyanos y de bebidas para todos los paladares. Era una hora de la madrugada y la fiesta proseguía en auge. Nuevo toque de atención del hotelero: – Mañana saldrá un transporte para Santa Leopoldina. Ya mandé que le reservasen un asiento en la “boléia”. Seguidamente el buen hombre se deshizo en consejos de viaje, insistiendo en que debía llevar provisiones de boca porque en el camino no encontraría donde comer. Estaba visto que el previsor amigo me juzgaba mal. Tomábame por uno de esos turistas que se amargan la vida si no encuentran restaurants a la carte y cerveza helada en pleno “sertão”. Viajando por el interior del Brasil nunca pasé hambre. Si en ciertos lugares del hinterland no recibí manjares succulentos, era en cambio de primera calidad la complacencia con que se me ofrecían. Limité, pues, mis cuidados en esta ocasión a preparar una pequeña maleta con los efectos personales y fotográficos, y me dispuse a partir a prima hora. De Goyaz a Leopoldina medían doscientos veinte kilómetros de carretera regular, intransitable en algunos trechos cuando llueve mucho. (p. 194-95)

**Essa participação em uma colação de grau foi a derradeira atividade de Casais na cidade de Goiás, de onde, na boléia de um caminhão e, em parte a pé, e por uma intransitável estrada através do mato, de chapadões e de isoladas fazendas, vai para a cidade de Leopoldina, a 220 km da cidade de Goiás, no interior goiano, com vistas a conhecer um outro sertão e o Rio Araguaia.**